

Desinformação prejudica atendimento do HMIB

Marina Oliveira
de Brasília

Especial para GZMDF

O serviço médico do Hospital Materno Infantil (HMIB), que realiza abortos em vítimas de estupro no Distrito Federal não é conhecido por grande parte das delegacias da cidade, apesar de estar em funcionamento desde o início de 1997. Uma equipe interdisciplinar do Núcleo de Pesquisas em Saúde Pública (Nupes) da Universidade de Brasília (UnB) acompanha desde março de 1998 a evolução no atendimento a mulheres que engravidam como consequência de estupro no Distrito Federal. Essa é apenas uma das conclusões.

Resultados preliminares da pesquisa, que será concluída em dezembro deste ano, mostram que a existência de um serviço médico na rede pública para atender essas mulheres não basta para garantir o direito do aborto às vítimas de estupro. Segundo Ana Maria Costa, coordenadora do Nupes, muitas mulheres deixam de fazer o aborto com segurança em um hospital por absoluta falta de informação.

Para dar uma dimensão do problema, ela cita dados usados na pesquisa. Entre janeiro e março de 1996 foram comprovados 250 casos de estupro na cidade. De acordo com as estatísticas médicas, em média 10% dessas mulheres engravidam, resultando em aproximadamente 25 gestações indesejadas a cada três meses no Distrito Federal. No entanto, em quase dois anos de funcionamento o serviço médico do aborto legal, no Hospital Materno Infantil, realizou apenas 34 intervenções.

"A falta de preparo das delegacias comuns para lidar com o assunto prejudica muitas mulheres", afirma a médica. Embora a maior parte dos casos seja encaminhado pela Delegacia da Mulher, mais preparada para o atendimento nas cidades satélites, especialmente na Ceilândia, os casos de estupro ainda são reportados nas delegacias comuns.

socialização, afetando o seu comportamento em todas as áreas, como o trabalho e lazer. São alterações bastante significativas no modo de vida das pessoas, tanto em nível individual como de coletividade, que merecem ser discutidas, principalmente porque estamos na era da globalização", declarou o secretário geral do congresso, Luiz Wilson Pina.

Participantes

O evento reunirá mais de mil participantes, entre conferencistas e pesquisadores, representando as principais regiões políticas, econômicas e culturais do mundo. Estão inscritos acadêmicos, administradores, planejadores e consultores, além de estudantes. "Vamos debater as possibilidades de se promover, no contexto de uma sociedade globalizada, a inclusão de todos em um novo estilo de vida", acrescenta Pina.

Os trabalhos da escola de Taguatinga foram indicados para compor o programa oficial de pôsteres, uma das categorias do congresso. Isso significa que terão um espaço específico para expor, durante três dias, fotos, ilustrações gráficas e texto, além de exibir qualquer material audiovisual. E um expositor, de cada um dos projetos, terá ainda 40 minutos para a apresentação do trabalho.

"É uma oportunidade única para divulgarmos o que está sendo desenvolvido no ensino especial. Um trabalho que ajuda a acabar com a idéia de que os portadores de deficiências não produzem e não são criativos. É um mito, porque é possível ensinar qualquer coisa a esses indivíduos, desde que utilizemos recursos diferenciados e adequados ao desenvolvimento de suas potencialidades". A explicação é da professora Sônia Aparecida das Dores, coordenadora do projeto.

O projeto começou a ser